O BRILHO DA FACA NA PONTA DA LÍNGUA: A POESIA DE TORTO ARADO, DE ITAMAR VIEIRA JÚNIOR, COMO ALEGORIA DA ESSÊNCIA DA LINGUAGEM, SEGUNDO HEIDEGGER, AVISTADA NAQUELE EVENTO*

Ana Letícia Martins de Souza***

RESUMO

Da *kehre*, seguiremos com Heidegger em seu movimento de alargamento desde a analítica existencial ao dom do Ser no acontecimento apropriador (*Ereignis*), expressão da copertença Ser-*Dasein* na diferença ontológica. Apontaremos para os muitos dizeres do homem, dentre eles a literatura, como enraizados no ser do *Dasein*, de todo modo compreensão-de-ser (*Seinsverständnis*). De outro lado, enquanto dom do Ser, o mundo torna-se linguagem através do ser de tudo aquilo que é, através das coisas sendo ao *Dasein* e o dizer mostra-se como resposta do chamado do ser ao *Dasein*, donde advém o dito. A linguagem deixa de ser um atributo ou instrumento de expressão do homem, de que é capaz, dispõe e faz uso racionalmente e passa a contar com uma ontologia porque é, também, ser. O jogo de palavras *gestar* e *gesto* aponta para a interação coisas-mundo e é usado para revelar a convocação do *Dasein* ao dizer como tentativa de co-responder ao ser do ser, sendo no mundo, limitadamente e, no entanto, fazendo literatura no mundo, fazendo da literatura mundo e uma possibilidade do ser do próprio *Dasein*. *Torto Arado*, no evento a ser citado, exemplifica a dimensão existencial da literatura. Também ela, a literatura, é no mundo a ensejar *compreensão-de-ser*.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; acontecimento apropriador (*Ereignis*); compreensão-de-ser (*Seinsverständnis*); mundo; linguagem.

ABSTRACT

From *kehre*, with Heidegger in his widening movement from existential analytics to the gift of Being in the appropriating event (*Ereignis*), expression of Being-*Dasein* co-belonging in ontological difference. We will point to the many sayings of man, among them literature, as rooted in the being of *Dasein*, in any way *understanding-of-being* (*Seinsverständnis*). On the other hand, as a gift of Being, the world becomes language through the being of all that is, through things being to *Dasein* and the saying shows itself as a response to the call of being to *Dasein*, from which the said comes. Language ceases to be an attribute or instrument of human expression, which it is capable of, disposes of and makes use of rationally, and has an ontology because it is also being. The word *gesture* points to the things-world interaction and is used to reveal the summoning of *Dasein* by saying as an attempt to co-respond to the being of the being, being in the world, limitedly and, however, making literature in the world, making literature a world and a possibility of the being of *Dasein* itself. *Torto Arado*, in the aforementioned event, exemplifies the existential dimension of literature.

KEYWORDS: literature; appropriating event (*Ereignis*); understanding-of-being (*Seinsverständnis*); world; language.

* Texto recebido em 30/05/2023 e aprovado para publicação em 20/06/2023.

** Mestranda em Filosofia (FAJE). Graduada em Filosofia (PUC Minas). E-mail: mrtanadesouza@hotmail.com.

SOBRE A COMUNICAÇÃO

O brilho da faca na língua do homem. Se é certo que literatura e filosofia não se confundem, a existência de uma fronteira objetiva que demarque os limites de uma e de outra já não é algo simples e sem riscos de se apontar, especialmente quando assentadas, ambas, na existência humana. Pensemos, por exemplo, nos textos de Sartre e Nietzsche, reconhecida-mente tão literários quanto filosóficos. À primeira vista, o mesmo não pode ser afirmado de *Torto Arado* (VIEIRA JÚNIOR, 2019), uma vez que seu autor, Itamar Vieira Júnior, geógrafo, não teria tido nenhuma pretensão filosófica ao escrevê-lo, tratando-se tão somente de literatura. Será?

Neste texto, de comunicação apresentada no Simpósio Filosófico *Filosofia, literatura e novas linguagens*, realizado pelo Instituto de Filosofia e Teologia da PUC Minas, em maio de 2023, pretendemos propor uma possível leitura do episódio inaugural do romance brasileiro *Torto arado* (VIEIRA JÚNIOR, 2019) como uma alegoria da essência da linguagem, segundo o filósofo Martin Heidegger.

Para tanto, tomamos o pensamento do filósofo alemão na unidade da *Kehre*¹, assim compreendida a partir do reconhecimento de um movimento de alargamento do pensamento do autor desde sua obra principal *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 2012), de 1927 até os textos produzidos posteriormente à *Kehre* heideggeriana, havida já na década de 30, com centro identificado na figura do evento, o dar-se do Ser (*Es gibt*) em um acontecimento apropriador (*Ereignis*).

Referido alargamento, quando aplicado na compreensão do conceito de mundo, possibilitaria, também, novos olhares sobre a relação, ainda que tensa, entre literatura e filosofia, na tensão mesma da diferença ontológica. O texto adotado representativo do período pós-*kehre* heideggeriano é *A linguagem*, publicado no ano de 1959 como parte da coletânea intitulada *A caminho da linguagem* (HEIDEGGER, 2015).

¹ É conhecida a possível leitura da obra de M. Heidegger em uma linearidade, na qual a reviravolta identificada como *Kehre* é considerada abandono, pelo filósofo alemão, do projeto filosófico de busca por uma ontologia fundamental a partir do sentido do Ser no projetar do *Dasein* sendo, e adoção de um novo intento filosófico de busca da verdade do Ser no ser dos entes. Aparentemente, encontramos essa abordagem, por exemplo, em Loparic (2007) e Casanova (2015). Diferentemente, faz-se, aqui, uma interpretação interna do pensamento do filósofo (VATTIMO *apud* OLIVEIRA, 2004a, p. 129; VATTIMO, 1986, p. 95).

O EVENTO

Narra-nos, Itamar Vieira Júnior (2019, p. 13-16):

Quando retirei a faca da mala de roupas, embrulhada em um pedaço de tecido antigo e encardido, [...] tinha pouco mais de sete anos. Minha irmã, Belonísia, que estava comigo, era mais nova um ano. Pouco antes daquele evento estávamos no terreiro da casa antiga, brincando com bonecas feitas de espigas de milho [...]. Falávamos que as bonecas eram nossas filhas, filhas de Bibiana e Belonísia. Ao percebermos nossa avó se afastar da casa [...], nos olhamos em sinal de que o terreno estava livre, para em seguida dizer que era a hora de descobrir o que Donana [a avó] escondia na mala de couro [...].

[...] A mala, durante toda a nossa existência até então, estava debaixo da cama. [...]. Naquele tempo, costumávamos ver nossa avó falar sozinha [...]. Era uma profusão de falas desconexas. [...]

[...] Belonísia se enfiou debaixo da cama e puxou a mala. [...]. Abri a mala sozinha, sob nossos olhos luminosos [...]. Levantei algumas peças de roupa antigas, [...] [algumas] guardavam as cores vivas que a luz do dia seco irradiava, luz que nunca soube descrever de forma exata. E no meio das roupas mal dobradas e arrumadas havia um tecido sujo envolto no objeto que nos chamou a atenção, como se fosse a joia preciosa que nossa avó guardava com todo seu segredo. [...] Vi os olhos de Belonísia cintilarem com o brilho do que descobríamos como se fosse um presente novo, forjado de um metal recém-tirado da terra. Levantei a faca, que não era grande nem pequena diante dos nossos olhos, [...]. Cheirei e não tinha o odor rançoso dos [outros] guardados de minha avó, não tinha manchas nem arranhões. Minha reação naquele pequeno intervalo de tempo era explorar ao máximo o segredo e não deixar passar a oportunidade de descobrir a serventia da coisa que resplandecia em minhas mãos. Vi parte de meu rosto refletido em num espelho, assim como vi o rosto de minha irmã, mais distante. [...].

“Me deixa pegar, Bibiana.”

“Espere”. [...] coloquei o metal na boca, tamanha era a vontade de sentir seu gosto, e, quase ao mesmo tempo, a faca foi retirada de forma violenta. Meus olhos ficaram perplexos, vidrados nos olhos de Belonísia, que agora também levava o metal à boca. Junto com o sabor de metal que ficou em meu paladar se juntou o gosto do sangue quente, que escorria pelo canto [...] da boca [...].

Belonísia também retirou a faca da boca, mas levou a mão até ela como se quisesse segurar algo. Seus lábios ficaram tingidos de vermelho, não sabia se tinha sido a emoção de sentir a prata, ou se, assim como eu, tinha se ferido, [...]. Ouvi os passos lentos de minha avó chamando [...]. Havia um cheiro de batata queimada, [...] também o cheiro do metal, o cheiro do sangue que ensopava [...].

[...] Ouvi Donana perguntar o que estávamos fazendo ali, por que sua mala estava fora do lugar e que sangue era aquele. “Falem” [!!!!], disse, nos ameaçando arrancar a língua, que estava,
mal ela sabia,
em uma das nossas mãos.

O SER QUE SE DÁ NO ACONTECIMENTO APROPRIADOR ENRAIZADO NA TEMPORALIDADE DO *DASEIN*

Trazer o texto de *Torto Arado* (VIEIRA JUNIOR, 2019) para exemplificar um texto literário como possível lugar, também, de reflexões filosóficas não significa afirmar que o

texto nos traz objetivamente lições sobre o Ser, entendidas como uma verdade objetiva estabelecida, mas uma narrativa de um evento: o dar-se do ser (*Es gibt*) na possibilidade de um acontecimento apropriador (*Ereignis*) justamente do Ser. Assim, o texto literário de Itamar Vieira Júnior se mostra como uma possível imagem, uma alegoria, na literatura, de um evento fundado em um acontecimento apropriador do Ser nele avistado por nós, leitores, revelador da essência da linguagem.

O centro da análise no evento parece possibilitar um alargamento do conceito de mundo, segundo a filosofia de Heidegger, desde o modo manifesto fundamental do *Dasein*, ser-no-mundo, ao mundo histórico constituído pelo ser histórico (*geschichtlich*), acontecente (*Geschichtlich*), do *Dasein*. Finalmente, um mundo enquanto linguagem habitado pelo *Dasein* em sua *Ek-sistência*² (OLIVEIRA, 2004b, p. 133), onde vislumbramos um gestar e gestualizar de coisas que trazem, em si, mundo e geram mundos, na possibilidade de um acontecimento apropriador (*Ereignis*).

É o próprio Martin Heidegger (2015, p. 8) quem parece autorizar o intento ao propor o recolhimento no acontecimento apropriador como caminho que nos conduz ao lugar de essência da linguagem.

Seria no estado de flagrância do evento o lugar por excelência de desvelamento do Ser à compreensão do *Dasein*, oriundo de sua própria condição de abertura fundamental ao Ser, em uma copertença *Dasein-Ser*. No evento, podemos enxergar a copertença *Dasein-Ser* na diferença ontológica *Ser-Dasein-entes* (OLIVEIRA, 2004b, p. 131-140). Seguindo Oliveira (2004b, p. 133),

a diferença ontológica “em um primeiro momento, é diferença entre o *Dasein* e os demais entes. Aqui, o desvelamento do ente pressupõe a compreensão do ser do ente por parte do *Dasein*. Mas o *Dasein*, na compreensão do ser do ente, não se confunde com o ente compreendido.

O Ser, por sua vez, se dá à compreensão do *Dasein*, enquanto linguagem, diferenciando-se o Ser dos entes colhidos em compreensão do *Dasein* e, assim, existindo enquanto entes (OLIVEIRA, 2004b, p. 133).

² O sentido de *ek-sistência* decorrente da temporalidade é um *estar-fora-de-si* em uma temporalidade *ek-sática*, ou seja, o temporalizar da temporalidade (*Zeitlichkeit*) conexas à existência; um “acontecer ex-cêntrico”, em nível ôntico, que faz surgir o sentido do Ser em projeção no dar-se do ser do homem (OLIVEIRA, 2004a, p. 125-128).

A constituição fundamental do *Dasein* heideggeriano, exposta em *Ser e tempo* (2012) e caracterizada fundamentalmente como abertura e, por conseguinte, compreensão-de-ser (*Seinsverständnis*), nos devolve, em contrapartida, o mundo como essencialmente linguagem no dar-se do Ser, de tudo o que é, inclusive do *Dasein*, cujo ser se diferencia, a si mesmo enquanto ente, dos demais entes.

A analítica existencial desenvolvida por Heidegger, em *Ser e tempo* (HEIDEGGER, 2012) partiu do *Dasein* na existência (*Existenz*), sendo no modo existencial fundamental *ser-no-mundo*, encontrando, então, ontologicamente, seu modo de ser fundamental de *compreensão-de-ser* (*Seinverständnis*) sendo, é dizer, na temporalização constitutiva da *Ek-sistenz*; sendo, interpreta, melhor se posiciona para compreender, tematiza, teoriza e até faz ciência ou literatura, por exemplo, articulando sua compreensão em discurso sobre entes. Mesmo em sua lida prática pré-conceitual do cotidiano, com as coisas e ou junto às pessoas, enquanto crianças “engolindo” a faca como tentativa de apropriação do ser, próprio e dos entes e, porque não dizer, do próprio mundo, trata-se sempre de *compreensão-de-ser*. Assim é, porque o ser do *Dasein*, histórico (*geschichtlich*), é um ser que acontece: seu *ser* é o acontecer de sua temporalidade (*Zeitlichkeit*)³ que, se dando, faz com que seja histórico e, sendo, lida com os entes, tematiza e teoriza em *compreensão de ser*, articulando em discurso como uma de suas possibilidades, na determinação do próprio ser.

De outro lado, em *A Linguagem* (HEIDEGGER, 2015), o Ser vem ao *Dasein*, inevitavelmente à sua compreensão, naquilo que manifestam, mas também naquilo que se mantém oculto deles, mas neles enquanto coisas, e colhidas como entes e que é, justamente, o Ser em sua inteireza, jamais colhida integralmente pelo *Dasein* em seu encontro com as coisas enquanto compreensão de entes. “O brilho do ouro resguarda todo vigente no desencobrimento de seu aparecer.” (HEIDEGGER, 2015, p. 18). O brilho dos entes, colhidos na compreensão do *Dasein* pelas coisas que são e lhe concernem, nos lembra do que se mantém além dos entes colhidos, no escuro, oculto: o Ser.

Se em *Ser e tempo*, *Dasein*, ser-no-mundo, é, de qualquer modo, compreensão-de-ser articulada em discurso como uma possibilidade, a linguagem não é, em sua essência, segundo

³ Para Heidegger (2012, p. 1021), “a análise da historicidade [*Geschichtlichkeit*] do *Dasein* procura mostrar que esse ente não é ‘temporal’ por ‘estar na história’, mas, ao contrário, só existe e pode existir historicamente porque é temporal no fundo do seu ser.”

Heidegger (2015), o dito, o discurso, o enredo de um livro ou de um filme. A linguagem está no mundo, ser de tudo que é, inclusive o ser, histórico (*geschichtlich*), do *Dasein*, e se mostra, fundamentalmente, como o inevitável chamamento, pelas coisas, do *Dasein*, abertura ao Ser e, como tal, *compreensão-de-ser*, ao dizer.

A linguagem deixa de ser um atributo essencialmente constitutivo do homem ou instrumento de expressão de que é capaz, dispõe e faz uso racionalmente. A linguagem, portanto, não é, em sua essência, uma capacidade humana derivada da razão e que enuncia a realidade, objetivamente, pelo discurso ou um enunciado de um objeto por um sujeito; nem tampouco uma expressão do espírito humano criadora, conceitualmente, do ser enquanto produto da consciência (HEIDEGGER, 2015, p.10); mas constitui a própria copertença *Dasein-Ser*, se dá na existência do *Dasein*, fundamentalmente *Ek-sistência*, temporalizando como ser do *Dasein*, e constitui, a linguagem, mundo, lugar de significância do Ser, de tudo o que é à compreensão do *Dasein*, convocando-o para o dizer.

Nesse sentido, o evento se mostra, mais originariamente, como fenômeno do encontro *Dasein-Ser*, um acontecimento apropriador dando-se, aqui, mundo, linguagem.

No texto *A Linguagem* (HEIDEGGER, 2015), Heidegger identifica a linguagem na interação mundo-coisas. Quando as coisas concernem ao *Dasein*, exigem-lhe compreensão e, “morando” na vizinhança da linguagem, ele encontra e diz entes. A linguagem, portanto, é o chamado do Ser ao *Dasein* para a compreensão, para o dizer, o dizer, e não o dito, que nomeia o mundo.

Queremos, então, para finalizar, apontar para o jogo de palavras ao estilo do que Heidegger costuma realizar consistente nas palavras do alemão vulgar antigo *bern, bären*, donde adviriam *gebärene Gebärde*; no português: gesto de gestar, dar à luz, vir ao mundo e gesto de gesto, no sentido de gestualizar, de tornar gesto. “Fazendo-se coisa, as coisas são coisas. Fazendo-se coisa, as coisas são gesto de mundo.” (HEIDEGGER, 2015, p. 17).

As coisas, tudo o que é, vem ao mundo trazendo significância nelas mesmas. Enquanto gestadas portam, fazem durar mundo na convocação do *Dasein* ao dizer na inevitabilidade da *compreensão-de-ser* uma vez que concernem ao *Dasein*. Gestadas, são colhidas como entes pois concernem ao *Dasein* (HEIDEGGER, 2015, p. 16), é dizer, gestam enquanto certo gestualizar, ou seja, tornam-se gestos, linguagem, significância colhida pelo *Dasein*, permitindo um des-dobramento de mundo, novos mundos na saga do seu dizer.

Assim a evocação que nomeia as coisas invoca e provoca também a saga do dizer que nomeia o mundo. O dizer confia o mundo para as coisas, abrigando ao mesmo tempo as coisas no brilho do mundo. O mundo concede às coisas sua essência. As coisas são gesto de mundo. O mundo concede coisas. (HEIDEGGER, 2015, p. 18-19).

Avançando para a dimensão ontológica do *Dasein*, na interação mundo-coisa parece estar o *Dasein* respondendo ao chamado do dizer de lá originado, confiando mundo para as coisas e abrigando as coisas no mundo, um mundo, este, que se torna, ele, linguagem e o dizer do *Dasein*, um co-responder a essa linguagem do mundo no dar-se, em interação, gestar-gesto de mundo-coisa.

CONCLUSÃO

Com o professor Jacyntho Lins Brandão, na palestra ministrada, nesse mesmo simpósio, intitulada *A quantas anda a antiga rixa entre filosofia e poesia?*, podemos afirmar que a literatura é o reino da livre criação, enquanto a filosofia investiga o Ser.

Ser, aqui, não se restringe ao objeto do texto e reside, não na narrativa, em seu enredo, mas no próprio evento antevisto na narrativa, no dar-se do Ser ao qual o narrado remete o leitor, qual seja, na diferença ontológica constitutiva do acontecimento apropriador. Em um além do evento narrado (a alegoria), esse encontro da faca pelas irmãs, segredo da avó, tesouro de um mundo em apropriação pelas crianças, que são em determinação do próprio ser e, portanto, afirma Heidegger, que *acontecem*, e não apenas são, está o evento em que se dá Ser no acontecimento apropriador do Ser residente no brilho e no oculto da faca levada à língua do homem em sua inafastável, porque convocado a tanto, saga de dizer o Ser, próprio e de tudo que é.

Nesse sentido, o evento narrado por Itamar Vieira Júnior parece poder, talvez, se habilitar como um possível acontecimento apropriador daquelas personagens. E o texto literário de Itamar Vieira, um exemplo de literatura como ser no mundo a ensejar *compreensão-de-ser* a nós, leitores, quando nos gesta mundo, alarga, amplia e desdobra mundos em atendimento ao chamado do dizer através do texto. O evento, enquanto acontecimento apropriador do Ser que se dá na diferença ontológica, um lugar de encontro possível da literatura com a filosofia.

REFERÊNCIAS

- CASANOVA, Marco Antonio. A viragem para o pensamento histórico. *In: CASANOVA, Marco Antonio. Compreender Heidegger*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 147-242.
- CASANOVA, Marco Antonio. O fracasso de *Ser e tempo* e o salto para o interior da viragem. *In: CASANOVA, Marco Antonio. Compreender Heidegger*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 140-146.
- HEIDEGGER, Martin. A linguagem. *In: HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015. p. 7-26.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- LOPARIC, Zeljko. **Origem em Heidegger e Winnicott**. Winnicott e-prints, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 28-44, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 maio 2023.
- OLIVEIRA, Ibraim Vitor de. *Dasein e Kehre: o ser que se dá*. *In: OLIVEIRA, Ibraim Vitor de. Arché e telos*. Nihilismo filosófico e crise da linguagem em Fr. Nietzsche e M. Heidegger. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2004a. p. 125-131.
- OLIVEIRA, Ibraim Vitor de. Tensão arqueológica da diferença. *In: OLIVEIRA, Ibraim Vitor de. Arché e telos*. Nihilismo filosófico e crise da linguagem em Fr. Nietzsche e M. Heidegger. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2004b. p. 131-140.
- VATTIMO, Gianni. Ser, evento, lenguaje. *In: VATTIMO, Gianni. Introducción a Heidegger*. Barcelona, Espanha: Editorial Gedisa, 1986. p. 93-126.
- VIEIRA JUNIOR, Itamar. Fio de corte. *In: VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto arado*. São Paulo, SP: Todavia, 2019. p. 13-16.